

Cidade de Coimbra — Segunda vista

CIDADE DE COIMBRA

(Vid. pag. 257)

III

Na guerra civil que assolou o reino, quando el-rei D. Sancho II foi deposto do throno, mais por influencia do clero, pratrocinado pelo papa, que por vontade do povo, foi testimunha a cidade de Coimbra d'aquelle nobre acto de fidelidade e dedicação praticado por Martim de Freitas, alcaide do castello de Coimbra. Apesar de saber este esforçado cavalleiro que o seu soberano fôra vencido e expulso dos seus estados, e não obstante dizerem-lhe que acabava de fallecer em Toledo, resistiu tenazmente ao infante D. Affonso, conde de Bolonha, que o cercava e accommettia com forte exercito, e o intimava para que lhe entregasse o castello. E sómente depois de o deixarem ir a Toledo certificar-se da morte de D. Sancho II, cujo caixão fez abrir para depositar nas mãos do real cadaver as chaves do castello, que d'elle recebêra quando vivo, só depois d'isto é que veiu entregar a fortaleza e render preito e homenagem ao infante, já então rei com o nome de D. Affonso III.

No anno de 1308 mudou el-rei D. Diniz para Coimbra a universidade, que havia fundado em Lisboa em 1290. Transferida de novo para Lisboa por ordem del-rei D. Affonso IV, em 1338; mudada outra vez para Coimbra pelo mesmo soberano, passados dezeseis annos; novamente transferida para a sua primeira séde por el-rei D. Fernando, em 1377; foi mandada mais outra vez para Coimbra por el-rei D. João III, mas desde então ahi tem permanecido.

No reinado de D. Affonso IV presenciou esta cidade aquelle tragico successo que o immortal cantor dos *Lusiadas* fez conhecido e deplorado em toda a Europa. No dia 7 de janeiro de 1355 foi assassinada a desditosa D. Ignez de Castro nos paços de Santa Clara, sendo immolada aos interesses da politica, porque o amor que lhe consagrava o infante D. Pedro, filho e successor de D. Affonso IV, era obstaculo invencivel ao projectado enlace do principe com uma infanta de Castella.

N'esse mesmo seculo foi Coimbra theatro de outra scena sanguinolenta não menos triste e lamentavel. Se n'aquelle attentado serviu a politica de pretexto á crueldade de um rei e á inveja dos seus validos, n'este crime foi auctora a inveja e perfidia de uma rainha, e instrumento a ambição e ciume de um principe.

A rainha D. Leonor Telles de Menezes, mulher del-rei D. Fernando, querendo assegurar a successão da

coroa de Portugal a sua filha D. Beatriz, a quem os povos podiam contestar a legitimidade por ter D. Leonor recebido por esposo el-rei D. Fernando, sendo ella casada e tirada por el-rei a seu marido, resolveu perder o infante D. João, seu cunhado, filho del-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, e ao qual pertenceria o throno, fallecendo D. Fernando sem legitimo successor. Movida por tão infernal pensamento, trata primeiro de excitar a ambição do infante. Fingindo ignorar o casamento secreto do dito principe com sua irmã, D. Maria Telles de Menezes, fez-lhe constar por segundas pessoas que ella, D. Leonor, desejava e se empenhava para que a infanta D. Beatriz, sua filha, não casasse com o noivo que el-rei lhe destinava, mas sim com o infante D. João, seu tio. Depois de o ter feito arrepender por este meio de se haver ligado por laços indissoluveis, forja embustes contra a fidelidade conjugal de sua virtuosa irmã, e encarrega seus proprios irmãos de ir lançar no coração do infante, já mordido da ambição e atormentado pelo arrependimento, o fogo do ciume.

Corrêra o drama á medida dos desejos da rainha D. Leonor Telles, pois que o infante, com o inferno a arder-lhe na alma, parte de Lisboa para Coimbra, onde vivia sua desventurada esposa; chega á cidade ainda de noite; entra nos seus paços rugindo como o tigre; penetra na camara, onde a infeliz estava dormindo o somno da innocencia; e com duas punhaladas a deixa exanime (28 de novembro de 1377).

Foragido e perseguido pelos parentes de D. Maria Telles, andou errante D. João de terra em terra, até que se viu obrigado a refugiar-se em Castella, onde mais tarde o soberano d'este paiz, D. João I, a esse tempo casado com a infanta D. Beatriz, filha de D. Leonor Telles, o mandou lançar em um carcere, assim que lhe chegou a noticia da morte do sogro.

O mesmo seculo, que inscrevêra tão lugubres successos nos annaes de Coimbra, concedeu-lhes uma pagina gloriosa, quando as cortes reunidas n'essa cidade no anno de 1385, esclarecidas e enthusiasmadas pela voz eloquente e patriotica de João das Regras, salvaram a independencia de Portugal, acclamando rei, com o nome de D. João I, o mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I.

Não se esqueceu o illustre chefe da dynastia de Aviz de honrar a cidade, onde recebêra dos tres estados do reino a coroa del-rei D. Fernando, seu irmão, que D. Leonor Telles debalde tentára entregar nas mãos de estrangeiros, com a esperança de ficar governando o paiz como regente. Elevou, pois, aquella cidade a cabeça de ducado, o primeiro que houve no reino, creando duque de Coimbra ao seu terceiro filho, o infante D. Pedro, então immediato ao herdeiro do throno por ter fallecido o primogenito, o infante D. Affonso.

D. João I, a pedido das cortes, fixou a sua residencia habitual em Lisboa. No seu reinado e no do seu filho, el-rei D. Duarte, não menciona a historia de Coimbra acontecimento algum importante.

Nas dissensões que agitaram a nação durante a menoridade de D. Affonso V, esta cidade apenas padeceu leves perturbações.

D. João II, por disposição testamentaria, que el-rei D. Manuel confirmou, renovou o titulo de duque de Coimbra em seu filho natural, D. Jorge de Lencastre, que foi pae do primeiro duque de Aveiro.

El-rei D. Manuel procedeu a várias obras grandiosas, que muito ennobreceram a cidade, avultando entre ellas a reedificação dos paços reaes, a do templo e mosteiro de Santa Cruz, e a nova ponte sobre o Mondego. Mas no seguinte reinado, de D. João III, é que a cidade cresceu muito em numero de casas e de habitantes, e, sobre tudo, em grandes edificios religiosos. Foi devido este impulso ao estabelecimento definitivo da universidade em Coimbra, o que levou muitas ordens a edificar bons edificios para collegios, destinados a servir de habitação aos seus membros que quizessem frequentar a universidade. Mui caro, porém, custou á cidade este beneficio, pois que o mesmo soberano, a quem o deveram, introduziu no reino o terrivel tribunal da inquisição e a companhia de Jesus, que n'esse tempo tambem se estabeleceram em Coimbra.

Nas quadras calamitosas que o paiz atravessou durante a usurpação de Castella, a lucta da restauração da independencia, a guerra da successão de Hespanha, e, finalmente, as invasões estrangeiras e guerras civis d'este seculo, foi Coimbra das terras do reino que menos padeceram dos effeitos immediatos d'estas calamidades. Porém, se não mostra nos seus edificios os tristes vestigios das luctas humanas, é todavia certo que os males publicos pesaram duramente sobre esta cidade, insulando-a do resto do paiz pela completa ruina das estradas; abatendo o seu commercio e a sua agricultura pela difficuldade das communicações, e por outras causas de estagnação e miseria; em fim, reduzindo-a quasi que a viver do movimento annual das escholas da universidade e do lyceu.

D'este estado de decadencia já começou, felizmente, a levantar-se, por effeito da legislação que libertou a terra, pela benefica influencia da liberdade e da paz publica, e pelo poderoso impulso dos melhoramentos materiaes, que a uniram primeiramente ás duas principaes cidades do reino por uma excellente estrada macadamisada, e que depois a pozeram em communicação accelerada não só com essas mesmas cidades, mas tambem com todos os paizes da Europa.

D'esta grande mudança nas condições economicas de Coimbra estão impressos os mais visiveis signaes nos seus edificios, nas suas praças, ruas e caes, em tudo quanto uma povoação póde ostentar a passagem da decadencia para uma nova era promettedora de prosperidade.

No antigo regimen gozava esta cidade da prerogativa de enviar representantes ás cortes, onde tinham assento no banco primeiro. E onze vezes viu celebrar-se em seu seio a reunião dos tres estados do reino: a primeira vez, em 1180, convocados por el-rei D. Affonso Henriques, nos quaes o infante D. Sancho, seu filho, foi jurado successor da coroa; a ultima, em 1472, reinando D. Affonso V.

IV

É a cidade de Coimbra capital do districto administrativo do seu nome; séde de um bispado dos mais antigos do nosso paiz, e da unica universidade que ha em todo a monarchia; cabeça de comarca, e, por conseguinte, logar de residencia das diversas auctoridades administrativas, judiciaes e ecclesiasticas, que, como tal, lhe competem.

Situada no coração do reino, na provincia da Beira, fica ao norte de Lisboa 217 kilometros, contados pelo caminho de ferro, e 115 ao sul do Porto.

Parte está sentada em planicie, outra parte sóbe em amphitheatro pela encosta de elevado monte, que está coroando com alguns dos seus melhores edificios. Os arvoredos das collinas visinhas fazem moldura a esta grande pinha de casas resplandecentes de alvura. Em fim, o Mondego, correndo humilde no verão e soberbo no inverno, entre pomares e salgueiraes, beija os pés, e retrata na sua superficie de cristal o rosto gentil da cidade, todo esse quadro de infinita belleza.

Não ha terra em Portugal mais pittoresca e poeticamente situada, nem mais convenientemente edificada para o bom effeito da perspectiva. Quasi todos os seus monumentos estão collocados por tal modo

n'aquelle throno de casaria, que não parecem dispostos ao acaso, mas sim por arte, para o melhor adorno do painel, e tambem como em exposição para serem vistos de longe.

A gravura a pag. 257, e a que vae junta a este artigo, cópias fieis de excellentes photographias, não desdizem, certamente, das nossas asserções.

Porém não corresponde Coimbra interiórmente á graça e belleza que ostenta no exterior. Todavia, como se ainda não bastassem as galas externas para compensação do aspecto menos agradavel das suas ruas e calçadas, pela maior parte estreitas, tortuosas, ingremes e pouco limpas, este defeito é de algum modo disfarçado pelos numerosos monumentos que alli se encontram a cada passo, uns ricos de arte e de tradições historicas, outros venerandos pela sua antiguidade e origem.

Dissemos que as ruas em geral eram más: entretanto tem algumas boas, sendo as melhores, no bairro alto, a *rua Larga da Universidade;* e no bairro baixo, a *da Calçada*, a nova *rua do Visconde da Luz*, e a *da Sophia*.

A *rua Larga da Universidade* fica na parte mais elevada da cidade. É curta, porém plana, direita e de largura regular. Guarnecem-n'a de um lado as arvores que povoam o terreiro da universidade, e do outro o edificio do extincto collegio de S. Paulo, onde está o theatro academico.

No topo d'esta rua, do lado de léste, acha-se a *porta ferrea*, que é a principal entrada para o pateo da universidade.

A *rua da Calçada* é tambem plana, extensa, bastante larga na sua maior parte, e orlada de ambos os lados de predios de tres e mais andares. Começa no pequeno terreiro junto á ponte sobre o Mondego, dando entrada na cidade baixa a quem vem de Lisboa, e termina na *rua do Visconde da Luz*. É na *rua da Calçada* que estão as melhores lojas da cidade, lojas de todo o genero, o que faz com que seja o ponto mais concorrido, não só das pessoas que vão comprar a esses estabelecimentos, mas tambem de passeiantes.

A *rua do Visconde da Luz* foi aberta em 1858, em substituição da antiga *rua do Coruche*, que era muito estreita, tortuosa e immunda. A nova rua é larga, direita, e já está quasi toda guarnecida de casas. Faz continuação á *rua da Calçada*, e termina no *largo de Sansão*. Tomou o nome do fallecido general visconde da Luz, em memoria do muito que elle concorreu, na sua qualidade de inspector geral das obras publicas, para se levar a effeito este grande melhoramento.

Segundo diz o nosso distincto collaborador, o sr. Simões de Castro, no seu muito interessante *Guia do viajante em Coimbra*, que anda imprimindo, já em 1772, por occasião de uma visita que fez a esta cidade o marquez de Pombal, se projectou esta grande obra, realisada agora pela camara municipal.

A *rua da Sophia* é a mais bella de todas as ruas de Coimbra. Principia no mesmo *largo de Sansão*, em frente da *rua do Visconde da Luz*, e termina perto da *ponte de Aguas de Maia*, que fica fóra da cidade. Dá passagem a quem vem do norte do reino e da estação do caminho de ferro; e, certamente, nenhuma cidade de Portugal, sem excepção de Lisboa, apresenta aos viajantes uma entrada tão magestosa. É muito comprida, perfeitamente plana, bem alinhada, não menos larga que a rua Augusta, de Lisboa, macadamisada, guarnecida de amplos passeios de lagedo, de diversos templos e grandes edificios, que foram collegios das extinctas ordens religiosas, e um que foi palacio da inquisição. Quasi todos estes collegios estão ao presente transformados em casas de habitação particular, de aspecto regular e nobre. A *rua da Sophia*, ou, como antigamente lhe chamavam, *de Santa Sophia*, vae-se povoando de botequins, bilhares e diversidade de outros estabelecimentos commerciaes; e será em breve, se ainda o não é, o sitio de mais transito e de maior movimento da cidade, que irá crescendo para este lado até se unir á estação do caminho de ferro.

São quatro as principaes praças: o *pateo da Universidade* e o *largo da Feira*, no bairro alto da cidade; o *de Sansão* e a chamada por antonomasia *Praça*, no bairro baixo. A primeira d'estas praças é toda cercada pelos diversos edificios da universidade, e occupa a coroa do monte em que está edificada Coimbra. A segunda está um pouco inferior a esta. N'ella se erguem a cathedral, o bello edificio do museu e aulas de sciencias naturaes, e o grandioso edificio do governo civil, que foi collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista. Na terceira, que é de todas a mais pequena, levanta-se o magnifico templo de Santa Cruz, e uma parte do edificio do extincto mosteiro. A quarta, situada por detraz da *rua da Calçada*, é grande e toda circumdada de predios de muitos andares. Ha n'ella mercado diario, muito abundante de pescado, aves, pão, hortaliças, frutas e mais vitualhas proprias para o abastecimento de uma grande povoação.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 266)

VII

Partiram, finalmente, as naus para o reino. Foi D. Lourenço acompanhal-as até ás alturas de Angediva, onde, como dissemos, se fundára fortaleza. Depois, regressando pela costa de Cambaya, deu caça aos navios de Calicut, castigou alguns atrevimentos de piratas, que ousavam insultar a fortaleza de Angediva, e, reunindo em comboyo todos os navios de Cochim, Cananor e Coulão (os nossos tres alliados), que pelo caminho encontrou, veiu-os escoltando, satisfazendo d'essa forma ás intenções de seu pae, o qual, ainda que soubesse de sciencia certa que os rajahs de Cananor e Coulão anciavam por se verem livres da nossa alliança, seguia o systema de se mostrar terrivel aos nossos inimigos, justo, leal, benefico aos nossos amigos, ainda que estes só o fossem na apparencia, e lhe não pagassem com identica lealdade.

Mas já era tempo de dar começo a uma negociação, em cujo bom resultado muito se empenhava o vice-rei, mas que apresentava (não o ignorava elle) innumeras difficuldades. Tratava-se de fundar fortaleza em Cochim com pleno assentimento do soberano, sem que, para obter essa annuencia, se empregasse a força ou a ameaça. O valente guerreiro de Mombaça, o habil almirante de Cananor, o energico chefe que sabía conter na obediencia os seus insoffridos subordinados, vae-se-nos apresentar debaixo de outro aspecto. Vamos vêl-o negociador flexivel, cordato, inoffensivamente astucioso, vencendo, com as seducções da brandura e da cortezia, as repugnancias do brahmane, e conquistando-lhe de todo as affeições, como egualmente conquistou o respeito da posteridade, correspondendo com lealdade e cavalheirismo ás provas de estima e affecto que o rajah de Cochim lhes dava a elle e á nação portugueza.

Demoremo-nos algum tempo nas particularidades d'esta negociação; sabendo o que o porvir esconde no seu mysterioso seio, as crueldades, as traições, as perfidias que hão de tornar execrado o nome portuguez, vemos com certa complacencia no espelho da

phantasia esta scena, tal como nol-a descreve, com a sua ingenuidade habitual, o nosso prosaico mas fiel chronista Gaspar Corrêa; ha um perfume primitivo e como que infantil n'esta negociação mais domestica do que diplomatica, e os estratagemas transparentes de D. Francisco de Almeida, a terna confiança do rajah de Cochim, distraem-nos suavemente das scenas ferozes da guerra, das repugnantes luctas da ambição.

Como dissemos, era Cochim o centro da administração portugueza; alli estava, por conseguinte, reunida a maxima parte dos aventureiros, cujas casas, ou antes choupanas, cobertas de folhas de palmeira á moda do paiz, se agrupavam em torno de outra residencia, de aspecto pouco menos simples, onde morava D. Francisco de Almeida. Como os nossos soldados inspiravam aos habitantes de Cochim a maxima confiança, alguns moradores da terra tinham vindo estabelecer as suas lojas no meio do bairro europeu, e viviam com os portuguezes na mais completa intimidade.

Comtudo, em Cochim não escasseavam os negociantes arabicos, mas o espirito da população não estava tão favoravelmente disposto para os novos hospedes como o do seu monarcha, e, por várias vezes, quando julgavam os portuguezes em perigo, tinham feito os moiros algumas manifestações, logo comprimidas pelo soberano, e mais ainda pela volta constantemente triumphal das esquadras portuguezas. D'esta malevola disposição dos moiros, conhecida por todos, intentou o vice-rei servir-se para os seus fins.

Uma noite mandou secretamente deitar fogo a uma porção de casas portuguezas, tendo préviamente avisado os habitantes para salvarem os seus bens, e prestando-se a pagar as perdas que houvesse apesar do aviso. Sobresaltou-se a cidade, e correram os indios juntamente com os portuguezes para extinguirem o incendio, o que facilmente conseguiram; mas logo no dia seguinte o bondoso rajah tratou de inquirir quem tinha sido o incendiario. Como é facil de imaginar, foi impossivel descobril-o.

D'ahi a algumas noites novo incendio, novos sustos, novas inquirições inuteis. Mas d'esta vez o vice-rei julgou que era tempo de fazer uma insinuação, e queixando-se do constante sobresalto em que o tinham os moiros, a quem era impossivel deixar de attribuir a perpetração do crime, accrescentou que estaria livre d'esses receios se podesse morar em casas de pedra, em cujos muros iriam esbarrar mallogradas as perfidas tentativas dos seus secretos inimigos. Affligiu-se o rajah com a proposta; era esse o ponto sensivel onde não gostava que lhe tocassem. Objectou que os usos do paiz não permittiam que a pedra se empregasse n'outras construcções que não fossem os pagodes e os palacios dos soberanos. D. Francisco de Almeida allegou-lhe cortezmente que a fortaleza pertenceria ao soberano de Cochim, que não estariam os portuguezes n'ella senão em quanto isso fosse do agrado dos seus hospedeiros, e que elle, vice-rei, sempre que tivesse de se ausentar, nunca entregaria as chaves senão ao proprio rajah.

Apesar de commovido por estas obsequiosas razões, o brahmane esquivou-se a dar uma resposta directa, e prometteu tomar medidas taes, e ameaçar os incendiarios com castigos tão terriveis, que não tornasse a dar-se similhante caso. Mal sabia o ingenuo indio que tinha diante de si o criminoso que a *sua policia* em vão procurava por toda a parte.

Retirou-se o vice-rei fingindo-se descontente, e premeditando para essa mesma noite um golpe decisivo. Havia entre as choupanas uma que fôra consagrada pelos padres e transformada em egreja provisoria. Nos domingos e dias de festa dizia-se alli a missa e ornava-se com os paramentos sumptuosos, que para esse fim tinham vindo do reino. Concorria sempre grande multidão de indigenas, attrahidos pela novidade do espectaculo, e de poucos seria desconhecida a magnificencia interna do improvisado templo christão; mas o que os indios não sabiam é que, mal terminava a missa, os paramentos eram com todo o cuidado armazenados, e que não ficava na egreja senão o altar com a sua cruz singela.

N'essa noite ouviu-se o brado «Fogo», já conhecido dos habitantes de Cochim, que não podiam socegar havia uma semana, e viu-se irromperem chammas da egreja. Foi grande a commoção produzida por este espectaculo; todos julgavam que os pomposos paramentos da egreja haviam sido devorados pelo incendio, e logo no dia seguinte veiu o sobrinho do rajah, que lhe devia succeder no throno, procurar o vice-rei, saber quaes tinham sido as perdas, mostrando-se ao mesmo tempo summamente indignado com a audacia dos moiros, que não temiam ultrajar os fieis alliados do senhor de Cochim.

O vice-rei fingíra-se doente; quando soube quem o procurava, levantou-se muito a custo, e foi ao encontro do seu hospede, que o censurou amigavelmente por não se ter deixado ficar na cama, commettendo a imprudencia de o vir receber assim fraco e abatido. A comedia representava-se com tal perfeição, que se diria que fôra ensaiada pelo proprio Gil Vicente.

O vice-rei disse-lhe que estes sobresaltos continuados lhe estavam minando a saude, que não podia viver n'estes constantes receios, e que se lhe não fosse permittido pôr-se a abrigo do fogo, recolhendo-se a uma fortaleza de pedra, preferiria ir invernar a Angediva, apesar dos grandes incommodos e transtornos que trazia comsigo essa resolução, porque principiava a temer seriamente que os moiros, animados pela impunidade, chegassem um dia aos extremos de lhe lançarem fogo á esquadra.

Ouvia o juvenil indio estes queixumes, encostado indolentemente ao hombro de D. Lourenço de Almeida. Uma forte sympathia ligava estes dois moços, oriundos de duas raças tão differentes; um educado nas praias, onde o sol se esconde, outro nascido no berço da aurora; um forte, energico, resoluto como digno filho que era d'essa patria de heroes, outro afeminado, timido, lascivo como quem nascêra n'essas terras perfumadas, onde o ardor de um ceo de fogo incende a imaginação, mas extenua o espirito, e onde as brisas morbidas do Oriente inspiram uma languidez voluptuosa a essa raça mais scismadora do que activa, mais propria para a contemplação do que para a lucta. Apesar d'esta differença de organisações, os dois mancebos sympathisavam um com o outro. O indio admirava ingenuamente em D. Lourenço o valor e a robustez ligados com essa belleza esculptural de fórmas que deslumbra os povos orientaes; D. Lourenço estimava no indio a bondade extrema e a ingenua confiança com que se lançava nos braços dos europeus.

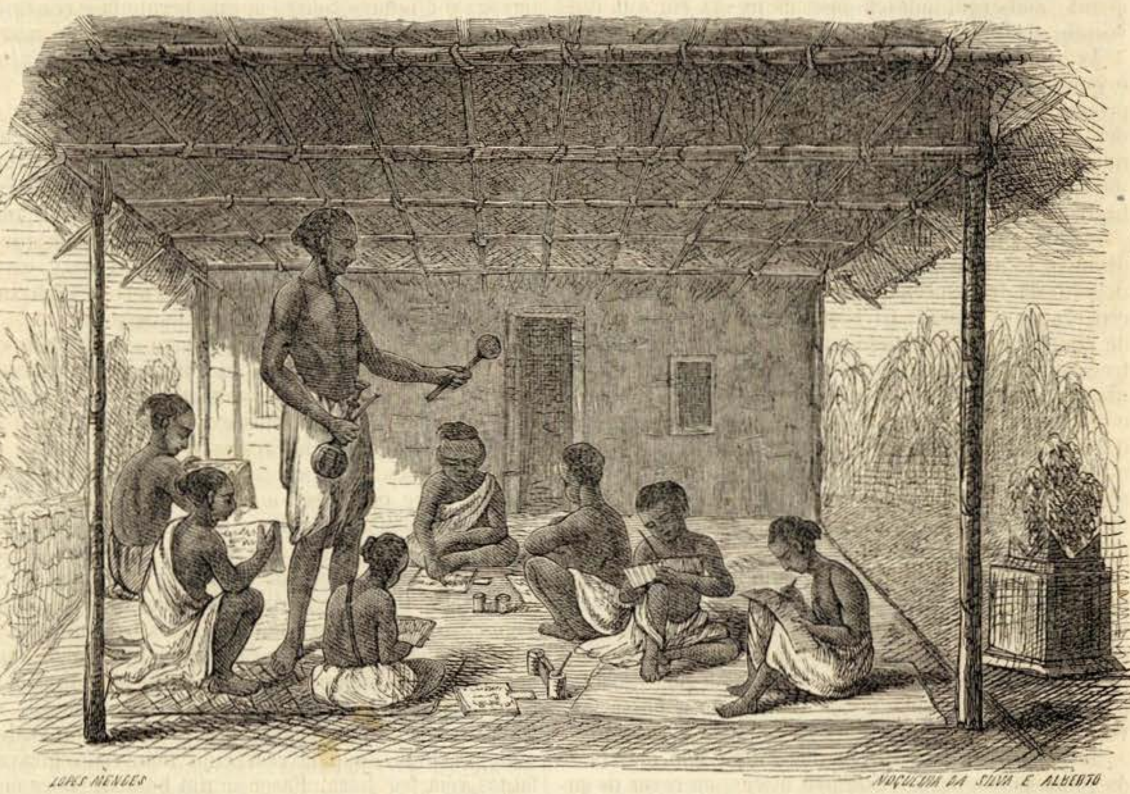
Quando o vice-rei terminou o seu discurso, o principe indiano, abalado pelas suas razões, jurou-lhe que obteria de seu pae a licença pedida. «Se assim o fizeres, tornou D. Francisco sorrindo-se, dou-te meu filho por captivo.» — «E eu que o acceito, redarguiu o joven indio abraçando o seu valente amigo.»

N'esse mesmo dia chegava a licença, d'ahi a oito dias principiava a construcção, e d'ahi a dois ou tres mezes erguia-se no continente indiano a primeira fortaleza européa, sem que as suas pedras fossem cimentadas com sangue e lagrimas, como depois havia de succeder quando a crueldade, a cubiça e o fanatismo pozessem em olvido as gloriosas tradições, legadas aos seus successores pelo grande homem que biographâmos.

Parece que D. Francisco mesmo o previra quando disse aos fidalgos que estranhavam o elle ter tomado com o rajah de Cochim os compromissos mais leaes, sem deixar uma porta aberta ás interpretações traiçoeiras: «Que elle com a verdade esperava em Deus ganhar a India, que nunca teria perdição senão com enganos e mentiras [1]».

Estava a findar o segundo anno do vice-reinado de D. Francisco de Almeida. Terminou gloriosamente com uma expedição de D. Lourenço, o qual, dirigindo-se ás Maldivas, foi, por engano do piloto, aportar a Ceylão. Aproveitou-lhe o engano, porque tão espalhada estava já a fama das armas portuguezas, e era tamanho o terror que inspirava o nome do vice-rei, que bastou apparecer a esquadra de D. Lourenço para que o chefe indio, que residia no porto de Columbo, se reconhecesse tributario da coroa de Portugal, promettendo enviar annualmente uma grande carregação de canella, e um certo numero de elephantes, dando por essa fórma latitude muito maior ao trato que principiava a enriquecer o mais pequeno reino da Peninsula Hispanica.

Ainda por causa d'esta armada teve D. Francisco de Almeida dissabores com um dos seus subordinados, Lourenço de Brito; ainda d'esta vez appareceu, com grande desgosto do vice-rei, mais um diploma secreto. O historiador imparcial deve comtudo confessar, depois de ter verberado o systema politico de D. Manuel, que excitava á insubordinação os officiaes das suas armadas, deve confessar, repito, que D. Francisco de Almeida não andava bem confiando constantemente a seu filho o commando de todas as expe-



Eschola gentilica, segundo um esboço do sr. Lopes Mendes

dições, por mais merecedor que fosse d'esse commando o heroico mancebo. Mas quem ousa condemnar esta fraqueza de um pae extremosissimo, fraqueza que, de mais a mais, não revertia em prejuizo do serviço publico? Estas fraquezas são proprias das grandes almas; não disse o grande poeta do seculo, Victor Hugo, n'uma das suas mais admiraveis odes:

Oh! les cœurs de lion sont les vrais cœurs de pére?

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

INDIA

ESCHOLA GENTILICA

Não fallaremos da litteratura indiana, mais vasta e rica do que a grega; não nos deteremos em contemplar o *Mahabarat* e o *Ramaina*, duas pyramides de Egypto de versos que o povo poeta erigiu á memoria do seu genio e á gloria dos seus deuses. Mais limitado e modesto é o nosso fim. Desejâmos dar aos nossos leitores da Europa uma succinta e rapida noção das escholas de ler e escrever, como se encontram em diversas partes da India, entre os habitantes que seguem a religião brahmanica e se conservam fieis ás suas tradições e costumes.

A eschola indiana é quasi sempre um corredor estreito e fracamente allumiado. No meio d'elle, assenta-se n'uma esteira de junco o professor, segurando com a mão esquerda o cachimbo ou o *uka*, ao passo que com a direita afaga a longa madeixa que lhe desce pelo hombro até aos joelhos. Dos lados vêem-se os discipulos com as cabeças baixas e os olhos fixos n'uma taboa quadrada, coberta de areia, na qual traçam com o index a letra cujo som repetem em voz alta; os mais adiantados escrevem sobre papel, tomando para isso a attitude em que os sorprendeu o sr. Lopes Mendes, e á qual se habituam por tal modo, que mesmo depois de adultos são raros os que deixam de escrever sobre o joelho.

De quando em quando o professor levanta-se do seu logar para ir examinar os trabalhos dos discipulos e corrigir-lhes os erros, e não poucas vezes para os admoestar e castigar.

Meia hora antes d'aquella em que se deve fechar

[1] Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, tomo I, pag. 634.

a eschola, um dos alumnos diz em voz alta a taboada de multiplicação, os condiscipulos repetem-n'a em côro, em quanto o professor, sem tirar da boca o pipo do *uka*, nem abrir os olhos, com o movimento compassado e regular da cabeça vae dando a sua approvação a cada numero que o discipulo multiplica. Ao primeiro erro ou equivoco, o professor abre os olhos e desfecha uma fumaça na cara do discipulo.

O methodo seguido n'estas escholas é o simultaneo, e em tudo analogo ao de Lencaster. Os castigos limitam-se á palmatoria e a alguns puxões de orelhas; e n'isto estas escholas estão mais adiantadas do que a dos indios christãos, onde ainda se zurze muito, se chora muito e se odeia muito.

Não consta que na India houvesse escholas publicas, nem podia haver, sendo as letras e as sciencias monopolio de uma casta que devia luzir tanto mais quanto mais profundas fossem as trevas em que estivessem sepultadas as outras.

As castas foram um grande mal para o progresso e independencia da India. O povo, estrangeiro na sua propria patria, não tinha escholas onde podesse aprender, nem templos onde podesse orar. As castas dominantes haviam monopolisado a terra e o ceo. A civilisação indiana tinha a cabeça de oiro e os pés de barro.

Depois que os moiros e as nações européas invadiram a India, e provaram com as armas que o monopolio da terra pertencia ao mais forte, e que o do ceo era uma illusão, os brahamanes deixaram a vida de contemplação e estudo em que viviam, para se entregarem ás industrias e ás artes. N'esta transição ganhou a egualdade, mas perderam tudo as sciencias e as letras. Se exceptuarmos o *Sauncotola*, em que o genio indiano resuscita, depois de seculos, em todo o seu esplendor, os poemas mais notaveis da India são dos tempos brahmanicos, como as obras primas da litteratura latina trazem tambem o sêllo das dictaduras de Cesar e Augusto.

Hoje, tanto na India ingleza como na portugueza, ha muitas escholas de instrucção primaria e secundaria, pagas pelo governo. Não é n'essas que o professor costuma assentar-se na esteira e fumar o *uka*. Taes habitos livres e rudes só se encontram nas escholas particulares, como o é a que representa a nossa gravura.

Nas escholas particulares dos indios não christãos, da India portugueza, ensina-se a ler e escrever os caractéres *marathas* ou *camarás*, e a contar. A taboada de multiplicação abrange desde o numero 1 até 20, o que muito contribue para a facilidade com que os indios fazem de boca as contas mais complicadas.

As crianças do sexo feminino não vão a estas escholas, nem a outras onde aprendam a ler e escrever. Se exceptuarmos as bailadeiras, rarissimas são as indias que sabem ler e escrever. Esse era um dos meios de perpetuar a escravidão da mulher, que no Oriente era obrigada a dar ao homem o coração, os filhos, a liberdade e a vida, e a não receber nada.

FRANCISCO LUIZ GOMES.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 274)

IV

Digamos mais algumas palavras a respeito de Pedro. Apresentámol-o apenas em relação ao mundo dos bailes e das sociedades elegantes; mostrámol-o na sua vida exterior e futil, na vida dos bons ditos, das amabilidades ou das dissertações romanticas; sabemos olhar elle as damas com a frieza de um coração inaccessivel, julgar os factos com a discrição de uma cabeça recta, fallar em arte com o gosto de um sentimento apurado, e discutir sobre o *petit-point* com a competencia de mr. Sajou.

Resta-nos conhecel-o por dentro, para melhor comprehendermos os acontecimentos futuros.

Pedro, apartado do mundo em que vivia, segregado dos homens, recolhido no seu quarto, era, apesar dos vinte e oito annos, aquillo a que se chama um pensador. Tocava com um dos hombros em Epimenides, e com o outro em Montaigne; era o philosopho da piedade e da dúvida. Ás vezes tinha phantasias singulares, abstracções completas. Uma idéa era para elle um fosso; mettia-se dentro e procurava profundal-o. No fundo d'este fosso havia, comtudo, luz. Quando se sentia propender para tal estado, deitava-se no leito, cravava os olhos no tecto e devassava o desconhecido. Pensar é conversar com o invisivel; como se estabelece este dialogo em que o nosso espirito interroga e é interrogado? em que pergunta e responde? Pensar é cavar nas trevas. Como no seio do mar se encontram as perolas, no seio das nuvens encontram-se os raios.

Pedro, entendamol-o uma vez por todas, não era um d'esses homens que passam a existencia debruçados sobre o abysmo; era simplesmente um rapaz que, vendo cair as folhas das arvores, não se lembrava só de estar proximo o inverno, e que tambem punha os olhos no ceo para ver alguma coisa mais que as estrellas. Detestava as convenções palavrosas, e preferia os contempladores da Chaldêa aos metaphysicos de Weimar. Era um pensador e nada mais.

Dito isto, fica sabido que pensava em todas as coisas. Nas regiões superiores ha lufadas imprevistas; o espirito que até ellas sobe volteia como uma grimpa.

Havia uma coisa que absorvia Pedro a miude; era a humanidade que chora, como elle costumava expressar-se. As crianças, a quem a innocencia põe a cabeça entre os anjos, e a desgraça os pés sobre o lodo, davam-lhe assumpto a cogitações diversas. Tornava-se então utopista, devaneava brutalmente, ensandecia até ao ponto de crear um universo de luz, do qual o bem seria dictador supremo. O proprio Thomaz Coram, se n'estas occasiões o apanhasse em flagrante, chamar-lhe-hia redondamente louco. Tinha para si que o melhor ponto de todas as religiões era a caridade; d'aqui resultavam-lhe predilecções extraordinarias. Um prégador era para elle um realejo, uma machina de palavras, cuja manivella girava a tantos réis por hora. Fazer-se um homem padre equivalia a arranjar um officio. Quando se punha a andar por estes caminhos fóra chegava a pisar os calcanhares da heresia. Duvidava de muitas coisas; nem todos os reformadores lhe quadravam, como nem todos os martyres o seduziam. Lamentava Servet queimado por Calvino, e ao flagicio dos christãos pelos imperadores contrapunha a revogação do édito de Nantes. Tinha originalidades para que os bons devotos pediriam o queimadeiro de Torquemada.

Da religião passava insensivelmente para a litteratura; n'umas certas eminencias da arte odiava os traductores. Traduzir era plasmar; o traductor estava para o original como o formador para a estatua. Gostava das individualidades; queria que cada qual fosse o que fosse. Por isso preferia Chaulieu a Bertin, como sustentava que Milton não desbancára Andreini. Na antiguidade o seu maior homem era Eschylo e depois Aristophanes, como nos tempos modernos pensava em Molière depois de admirar Shakespeare. Queria que as azas do genio servissem para voar ao ceo e para açoitar os vermes; lembrava-se da aguia rompendo as nuvens, e da aguia dilacerando as viboras. Os versos melancolicos enterneciam-n'o; um dia, ouvindo ler as *Noites*, de Musset, esteve a ponto de esbofetear um critico que se rira de o ver enxugar uma lagrima.

Pensava tambem no suicidio; as theorias de Werther não lhe pareciam dissonantes. Acceitava os males do espirito como os do corpo; d'isto concluia que para os ultimos era inevitavel a morte natural, como para os primeiros o tiro de uma pistola. Dar a um gatilho era consequencia de uma enfermidade moral, como cair fulminado era o effeito de uma congestão violenta. Assentára estes principios como muitos outros, sem que cuidasse em realisal-os; julgava ser bom apparelhar-se para todas as eventualidades, saber o meio prompto de dissolver qualquer estorvo. N'isso tinha-se por mais adiantado que Hamlet.

Quando o amor de Julia lhe invadiu o coração, toda esta serie de raciocinios lhe foi dando campo a imaginações mais risonhas, a idéas mais agradaveis. Os olhos, que até alli costumavam dilatar-se por campinas sombrias, concentravam-se então em paragens luminosas; os espinhos de dúvida em que elle tantas vezes rasgára o entendimento, despontavam-se-lhe a pouco e pouco, trocando-se em perfumadas boninas. Cria nos reviramentos do coração como se póde crer nos giros de uma rosa de ventos. Temia, não por si, mas por ella. Se este amor desandasse, o que seria do futuro? se o amor d'aquella mulher se voltasse para outro polo, o que seria d'elle no mundo? Impossivel. Achar-se um homem na terra como um navio no mar alto, sem leme, sem bussola, sem claridade, sem esperança, sem alento, em fim, sem o amor, que é o impulso e o destino de todas as coisas, era para elle um caso que se lhe afigurava medonho, e que lhe encobria o sol estivo com que os anjos lhe arraiavam o cerebro.

Tal era Pedro na sua existencia moral.

O casamento, que para elle fôra por muito tempo um estado de encadeamento e de tortura, ia-se-lhe mostrando agora de um modo differente. Convencêra-se que para um homem era, pelo menos, acto tão natural e simples casar-se como vestir-se. Admittido o simile, distinguia o bom do mau casamento, isto é, o burel da purpura. Ora Julia era uma criança affavel, singela, sem caprichos loucos, sem exigencias desassisadas; que tinha elle, pois, a receiar?

Quinze dias depois da minha estada em Carnide recebia eu uma carta de Pedro, avisando-me para no dia seguinte assistir ao casamento. Fui, como havia promettido. Na egreja os convidados eram poucos: o meu amigo era um tanto reservado em pontos de amizade; quando chegava a expandir-se é porque a tinha sincera.

Julia estava mais pallida do que na primeira vez em que a vira; o pudor e o jubilo haviam-lhe feito affluir o sangue todo ao coração. Estava assim mais linda, com o olhar quebrado e um não sei quê de languidez ethérea no semblante e no corpo.

Era bella de mais para mulher, e seductora de mais para anjo.

Quando a ceremonia findou, apertei-lhe a mão felicitando-a. Cravou em mim os olhos negros e tristes, mas em cujo fundo lampejava um raio de luz celestial e candida, e balbuciou não sei que palavras de agradecimento, que me soaram no ouvido como o rumorejar das folhas de uma rosa. D'alli partiram para Carnide; acompanhei-os. Afóra um pequeno número de parentes e de amigos velhos da casa, era eu a unica pessoa a que se havia feito convite. Não havia nada que se assimilhasse menos a festejo; era uma simples reunião de familia, desceremoniosa e franca. Julia foi pouco a pouco ganhando a côr e a jovialidade; apertava a mão de Pedro entre as suas, levantava-se sem motivo, buliçava como uma andorinha, até de novo ir poisar no seu ninho ao lado do companheiro. Que suaves clarões irradiavam aquelles dois noivos! que secretos esponsaes não faziam aquellas duas almas trocadas n'um olhar e accesas no mesmo fogo? que mysticos enternecimentos n'aquelles seios, e que paraiso n'um beijo dado a furto, ao de leve, n'um simples roçar de labios, beijo que ninguem via, por que ninguem dava, que mais parecia o suspiro de uma criança, mas que os anjos perfumavam de extasi, e com que o ar se embalsamava! Oh! o primeiro beijo... quem o podéra haver em troca de quantos nos matizam depois a vida!

Era ainda cedo quando me despedi para partir; sentia-me pesado em meio d'aquella atmosphera de bemaventurança.

— Deixa-nos? perguntou Julia ao ver-me de pé, e inclinando graciosamente a cabeça sobre o hombro do seu noivo.

— Sim, minha senhora.

— Mas não se ha de esquecer de nos fazer companhia... ámanhã... depois... sempre. Bem sabe que o meu piano aborrece ao fim de uma hora, e eu não quero que Pedro se aborreça. Venha para conversarmos; sacrifique-se, sacrifique-se.

Apertei-lhe a mão, e beijei-lh'a com respeito, dei um entranhado abraço em Pedro, e saí. Pelo caminho não sei quantas mil coisas me parafusavam no espirito. O que é a felicidade? dizia eu com os meus botões, ora pensando em Julia, ora esquecendo-me a ouvir o cocheiro que lá fóra assobiava a *Lucia*. O que é a felicidade?...

Manso e manso foram-se-me cerrando os olhos, os solavancos da sege embalavam-me a proposito, e a cabeça pendia-me, não sei se ao peso das idéas substanciosas, se ao do somno importuno. O que posso affirmar é que só dei por mim quando a porta da sege, abrindo-se, me deixou estrondear aos ouvidos a voz do meu conductor. Tinha chegado a casa.

O que é a felicidade? ruminava eu subindo tropegamente os degraus da minha escada; é tudo e é nada. Percorrei o mundo, e cada qual vos responderá a seu modo. Para Pedro é hoje o amor; o que será ámanhã? Para mim é n'este momento a cama; o que será d'aqui a horas? O abysmo estende-se ante nós, e a escuridão circunda-nos. Acceitemos tranquillamente os factos.

> «*Pan! pan! est-ce ma brune,*
> *Pan! pan! qui frappe en bas?*
> *Pan! pan! c'est la fortune:*
> *Pan! pan! je n'ouvre pas.*»

E, cantarolando este delicioso quarteto do velho Anacreonte da França, entrei em casa, e despi-me, resolvido a não abrir a porta nem á melhor fortuna que me batesse á campainha, só para não perder a de me embainhar pelos lençoes, que me sorriam n'uma dobra alvissima.

Oh! dormir é de certo o unico bem real e importante que se tem descoberto dês que o mundo é mundo. Dormir é viver, digam lá os philosophos o que quizerem contra este meu apherismo. É então, quando o somno nos colla as palpebras, que os olhos do espirito se abrem e devassam horisontes novos. Comei, bebei, fumae, tomae o vosso copo de Madeira ou de surrapa franceza, ide a Chamounix ou á feira do Campo Grande, subi o Jungfrau ou a montanha do passeio da Estrella, banhae-vos na Margueira ou em Biarritz, deixae crescer a barriga e embranquecer a fronte, levae a esposa ao cyclorama ou jogae com ella o cassino, embalae o berço do vosso recem-nascido ou indagae o preço da vitella, ide assistir ás discussões sobre as espingardas de Enfield ou commentae com os amigos o veridico processo dos thugs, escrevei ou emprestae dinheiro a juros, fazei versos ou eleições, sêde poeta ou ministro, cingi a coroa de loiros ou o chapéo de plumas, que significa tudo isso? Lidastes, e o suor da lida caiu-vos sobre as flores que esfolhastes ou sobre as lagrimas que vertestes. Quando

o somno vos entorpecer os membros, quando o espirito se erguer isento sobre esse montão de argilla que andou a voltear na rua e na praça, será então que a vida sairá da morte, que a aurora surgirá das trevas!

Quando no dia seguinte me levantei da cama, tinham-me esquecido todas estas reflexões opilativas. A manhã apontára limpida e serena, apesar de estarmos em principios de novembro; o ceo azul, e de uma transparencia vitrea, parecia ainda humedecido pelo orvalho; era como os olhos meigos de uma virgem onde se acabasse de limpar uma lagrima. O vento fresco deliciava em vez de confranger, regalava os polmões em vez de os fazer tiritar. Rompêra, na verdade, um dia consolador, festivo, salutar, cheio de aromas acres, impregnado d'esse cheiro activo que reanima, transsudando não sei que bom e indefinito contentamento.

Acabavam de dar dez horas; o sol, aquecendo o ar, havia derramado pelo espaço todo um brilhantismo offuscante; os horisontes alongavam-se até se confundirem com o mar, e o mar, baloiçando-se indolente, deixava resaltar das aguas como que chispas luminosas.

Seria indiscrição visitar Pedro? Não, de certo. A franca amizade estabelecêra quasi um parentesco. Depois, aquella manhã incitava-me ao campo; era impossivel resistir-lhe. Puz-me a caminho; havia muito que o coração se me não espraiava por jubilos tão serenos e ao mesmo tempo tão vagos. Como eu me sentia bem a andar por aquelles campos fóra, estendendo a vista por aquellas terras pardacentas, onde aqui e alli frondeavam os olivedos! Umas nuvens raras fluctuavam lá em cima, similhando folhecas de neve, e as aves, agitando-se e brincando sobre os parreiraes das quintas, pareciam festejar aquelle sol que banhava de claridade a natureza.

Fui assim caminhando insensivelmente, até que, a final, me achei em Carnide. Julia estava sentada á varanda com Pedro. Os dois passarinhos haviam deixado o seu thalamo mysterioso, e abençoavám n'aquella hora a Providencia. Apenas me avistaram, senti-os chilrear de um modo que me dizia bem claro não lhes ser eu importuno.

Cumpre-me agora abrir aqui um parenthesis para dar satisfação a qualquer leitor de mais fino porte, para quem seja horroroso o ter ido pedestremente até Carnide. Não vale a pena o espanto. A manhã estava fresca, o movimento agradava-me, a liberdade do campo aprazia-me, em fim, aquelle peregrinar mansinho por uma boa estrada, tendo acima da cabeça o ceo, em vez do tejadilho, e a um e a outro lado as hortas verdes e fartas, em troco das portinholas de um carro, eis o que me fizera adoptar um alvitre ao mesmo tempo poetico e economico. Theocrito dera as mãos a Adam Smith, e ambos haviam conspirado contra este misero mortal, que jura nunca ter lido o primeiro, e que espera em Deus não ler o segundo.

— Fez muito bem em vir, dizia Julia apertando-me as mãos, ora córando, ora sorrindo, como uma criança a quem o pudor não sabe ainda conter a felicidade. Queriamos convidal-o para nos acompanhar a uma digressão, a um passeio no campo. Pedro quer partir já para Lisboa, diz que o inverno aperta, e eu tenho dó de deixar estas arvores sem lhes dizer solemnemente um adeus. É nosso?

— Com mil vontades. Pagaremos o ultimo tributo a estes troncos que se despem, e a estas folhas que se seccam.

— Diremos como Gilbert, interrompeu-me Pedro:

«*Adieu champs fortunés, adieu douce verdure,*
Adieu riante exil de bois.»

— Não, não conclua, a quadra fecha tristemente. Gilbert, a alma enferma, despedia-se para sempre dos campos na primavera da vida e do talento; nós despedir-nos-hemos para entrar n'um outro mundo, mais semsabor, é verdade, mas tambem, seja dito, mais agasalhado para a epocha.

— A poesia exclue o fogão e o capote, senhor cultor das musas; ao poeta basta a relva do prado para leito e o manto do ceo para cobertura.

— Essa theoria é velha; ha muito que o paiz a adopta.

— Pelo que vejo, diz então mal do idyllio?

— Não; mas prefiro um bom sophá á cama de todos os pastores de Virgilio. Além d'isso, meu amigo, o amante de Dulcinea fez-se bucolico no ultimo periodo da doidice.

— Misericordia! estamos perdidos. *Les dieux s'en vont*, os poetas desappareceram!

— Ainda não; bem vê que ainda não desappareceu o amor.

— Hein? que te parece a modestia, Julia?

— Verdade, Pedro; a poesia não é o metro nem a rima, como uma virgem de Murillo não é a tinta sobre a téla. Quantos poemas lhe haverá entoado hoje o coração? Quantos versos lhe tem suspirado ao ouvido? Já os leu tão bellos em algum livro? Não, que eu saiba. Creia, meu amigo, onde estão duas almas que se abraçam estão dois poetas que se coroam.

— Venceu-te, Pedro, exclamou Julia radiante e sem poder conter a effusão que lhe brotava do intimo; venceu-te.

Pedro beijou-a na fronte, e, cravando-me um olhar de soberana felicidade, parecia contar-me o que nas folhas candidas d'aquelle seio os seus olhos haviam lido n'um extasi.

Oh! primeiro dia de amor que se desafoga em caricias, de timidos devaneios que se transformam em inexplicaveis verdades! Descobrir o que era um sonho, possuir o que era um desejo, encontrar o que era uma phantasia, estender as mãos na sombra e dar com um mundo novo, ser o Colombo de um paraiso creado pelo espirito em noites mal dormidas, chegar aos labios o pomo que até alli um anjo de Deus cobria com a ponta da aza.... como tudo isto me passa ainda pela imaginação, e como eu sinto que estes perfumes de mocidade e de prazer me trazem uma segunda primavera!

(Continúa) E. A. VIDAL.

O CALUMNIADOR

O nosso inimigo commum tem tambem o nome de Belial, que, conforme outro texto do livro dos juizes, quer dizer: sem jugo, sem respeito, sem temor; e, assim, o diabo, como os calumniadores, não tem jugo de temor e respeito.

Parece-vos que é necessario pouco desaforo para calumniar ao proximo, em materia grave, do que elle na verdade não fez? Isto demanda ter perdido o juizo: porque quatro jugos nos podiam impedir esta maldade, a saber: o jugo da lei de Deus, que o prohibe expressamente; o jugo da razão natural, que dita que não queiramos para o nosso proximo o que não queremos para nós; o jugo do pejo dos homens, porque a mentira tarde ou cedo ha de apparecer, e tem muito ruim cara para isso; e o jugo da propria consciencia, que, ainda que ninguem saiba da verdade, me está escalavrando. E nenhum d'estes jugos tem os calumniadores: nem lei, nem razão, nem vergonha, nem consciencia; e, por isso, são como Belial, porque perderam o temor e o respeito a Deus e aos homens. A sua maldade não é receiosa, senão atrevida: mas que seja dos santos hão de dizer mal. P. M. BERNARDES.